

VOLTAIRE: A CRÍTICA À IGREJA E O PAPEL DA RELIGIÃO COMO FUNDAMENTO EDUCATIVO.

*LEAL, Djaci Pereira (PPE/UEM)
OLIVEIRA, Terezinha (DFE/PPE/UEM)*

O objetivo deste estudo é discutir o papel da religião na obra de Voltaire, apesar de sua acentuada crítica à Igreja Católica. Ao estudar e questionar a fundamentação doutrinal do catolicismo, Voltaire apresenta-nos de forma contundente o significado e a importância da Igreja Católica, por ele denominada de Igreja Romana, para a formação da sociedade francesa, bem como para o debate das mudanças em processo na França setecentista.

Voltaire em sua crítica a Igreja Romana assume postura anticlerical, tanto em suas obras literárias como nas históricas. Utiliza-se da literatura para divulgar suas teses e discutir com seus pares as teses que lhe são mais caras. Por exemplo, em *O Ingênuo*, obra de 1767, contrapõe-se a tese do homem natural de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), como destaca Sérgio Milliet, “o princípio é bem característico da filosofia do genebrino: o Ingênuo é honesto, franco, espanta-se com nossas ridículas convenções, mas a conclusão se revela contrária à idéia de volta à natureza” (VOLTAIRE, 1995, p. 297).

Ao longo do texto aparece o estranhamento do Ingênuo com os ensinamentos e exigências da religião cristã, na qual fora batizado, que não estão conformes os ensinamentos do livro sagrado, que lhe fora dado para ler e se instruir. É comum o Ingênuo reclamar: “- Não há uma palavra de tudo isso no seu livro, meu estimado tio”. (Idem, p. 315)

No conto *O homem dos quarenta escudos*, no qual Voltaire discute as teses da fisiocracia, aparece também sua ácida crítica a Igreja Romana, sobretudo quando a apresenta como muito rica e completamente despreocupada com o bem comum, preocupada apenas com a manutenção de seu poder e riqueza. Apresenta a revogação do Edito de Nantes como causador da pobreza da França, pois provocou a multiplicação das religiosas e dos mendigos.

Com isso a impressão que nos causa é de recusa e negação incondicional do papel da religião na formação e desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. Porém como destaca SOUZA (2001, P. 97), “as opiniões religiosas são para Voltaire um dos componentes fundamentais do espírito de um povo, se não for o mais determinante”.

Para não incorrer em julgamentos apressados, uma vez que a obra de Voltaire nos permite isso, dependendo da leitura que se faça ou se queira fazer, discutiremos

como sua crítica a Igreja Romana e a busca de apresentar e defender a razão como guia da vida do indivíduo e sociedade. Voltaire não se deixa confundir entre a experiência de uma instituição, no caso Igreja Romana, com o que fundamentou e deu origem a essa experiência, no caso aqui o espírito religioso.

É apenas na Igreja Romana, acrescida da ferocidade dos descendentes dos hunos, dos godos e dos vândalos, que se vê essa série contínua de escândalos e barbáries desconhecidos de todos os sacerdotes das outras religiões do mundo.

Em toda parte, os sacerdotes abusaram, porque são homens. Houve e ainda há entre os brâmanes embusteiros e celerados, embora essa antiga seita decerto a mais honesta de todas. A Igreja Romana ganhou em quantidade de crimes de todas as seitas do mundo porque teve riquezas e poder. (VOLTAIRE, 2000, p. 154)

Percebe-se que para Voltaire a Igreja Romana, que em sua época precisava ser combatida, interfere sobremaneira ao assumir o papel de governo com prerrogativas seculares. E o faz devido a riqueza e poder granjeados ao longo da história.

Como destaca René Pomeau, na Introdução do *Tratado sobre a Tolerância*, “o ambiente da antiga França, onde o poder se arrogava mui normalmente o direito de atormentar os homens por suas crenças”, (VOLTAIRE, 2000, p. ix) é onde transparece o poder exercido pela Igreja Romana, já que a mesma confunde-se com o poder temporal.

René Pomeau esclarece que Voltaire conhecia o texto de Locke, *Carta sobre a Tolerância*. Porém seu enfoque no Tratado difere de Locke por entender que “a separação entre a Igreja e o Estado na França nunca foi um de seus objetivos. Advoga, ao contrário, uma subordinação da Igreja ao Estado: vê nisso um meio de garantir a tolerância” (VOLTAIRE, 2000, p. xxiii)

Voltaire percebeu que apesar dos desvios cometidos pela instituição em tela, a mesma contribuiu para a formação e desenvolvimento das sociedades humanas ao longo da história e o papel formativo que exerceu, mesmo que em determinados momentos tenha prevalecido o fanatismo ao invés da razão, a intolerância ao invés da liberdade e abuso de riqueza e poder ao invés do serviço.

Ao propor uma religião aos homens tendo em vista os desvios da Igreja Romana, Voltaire apresenta o que denomina de Religião Natural, a defender que:

Proponhamos a eles um Deus que não seja ridículo, que não seja desonrado por contos-da-carochinha, eles o adorarão sem rir e sem murmurar; temerão trair a consciência que Deus lhes deu. Têm um fundo de razão, e essa razão não se revoltará. Pois, afinal, embora seja loucura reconhecer outro soberano além do

soberano da natureza, não é menos loucura negar a existência desse soberano, embora haja alguns argumentadores cuja vaidade enganava sua própria inteligência a ponto de lhe negar a inteligência universal, a grande maioria ao ver os astros e os animais organizados, sempre reconhecerá a potência formadora dos astros e do homem. Em suma, o homem honesto submete-se com mais facilidade a curvar-se ante o Ser dos seres do que às ordens de um nativo ou de Belém. Será verdadeiramente religioso esmagando a superstição. Seu exemplo influenciará a população, e nem os padres nem os velhacos terão de ser temidos. (VOLTAIRE, 2006, P. 174)

A característica central da religião natural proposta por Voltaire é a possibilidade de o homem, apesar de sua crença, poder refletir. Abomina as irracionalidades, superstições apregoadas pelas religiões, que segundo Voltaire, são contrárias a natureza racional do homem e a própria inteligência universal. Para Voltaire, tudo o que vá contra essa inteligência universal levará os homens a intolerância e ao fanatismo.¹

Para estruturar sua crítica à Igreja Romana, Voltaire faz estudo minucioso e comparativo de seu livro sagrado, a *Bíblia*, e de seus dogmas confrontando-os com os de outras religiões. Entende por religião apenas o que denomina Religião Natural e, por isso, adjetiva todas as demais religiões instituídas de seitas, sejam elas cristãs ou não.

Nos capítulos XXVII e XXVIII da obra *Deus e os homens*, Voltaire apresenta as influências dos mitos e fatos de outras culturas incorporados pelos judeus. Destaca-se que ao fazer tais constatações, Voltaire tem a intenção de demonstrar que não há motivos para as divisões religiosas e, sobretudo, para os conflitos religiosos, uma vez que até mesmo as religiões entendem Deus como pai de todos, ora, “se Deus é o pai de todos os homens, por que sua criação e suas primeiras ações, escritas por Deus mesmo, foram ignoradas por todos os homens? Por que Moisés foi o único a conhecê-las ao cabo de dois mil e quinhentos anos num deserto?” (VOLTAIRE, 2000, p. 95)

O que se pode perceber na análise de Voltaire ao livro sagrado é a falta de razão presente nos mesmos e como fatos completamente infundados foram utilizados ao longo da história para fundamentar os dogmas e a doutrina das seitas cristã e judaica.

É o que faz de forma bastante elucidativa ao discutir e apresentar a figura de Jesus, sobretudo, nos capítulos XXI a XXV, no livro *Deus e os homens*, onde constata que a Igreja Romana não é fiel herdeira de Jesus, já que: “O Cristianismo, tal como foi desde os tempos de Constantino, está mais distante de Jesus do que de Zoroastro ou de Brama. Jesus tornou-se o pretexto de nossas doutrinas fantásticas, de nossas

perseguições, de nossos crimes religiosos; mas não foi seu autor”. (VOLTAIRE, 2000, P. 123) A seu ver, o que representa a Igreja Romana não pode ser de forma alguma atribuído a obra de Jesus.² Preocupa-se em destacar que a liderança que Jesus exerceu sobre seus contemporâneos foi devido a sua vida virtuosa.³

Voltaire constata, porém, que ao longo da história Jesus serviu para justificar perseguições e carnificinas. Por isso, o apelo de Voltaire para que “adoremos Deus através de Jesus, se necessário, se a ignorância prevaleceu a tal ponto que essa palavra judaica ainda deva ser pronunciada; mas que ele não seja mais a senha para a rapina e a carnificina”. (VOLTAIRE, 2000, P. 180)

Nos livros *O túmulo do Fanatismo* e *Deus e os homens*, Voltaire apresenta de forma detalhada os equívocos de determinadas trechos do livro sagrado, tanto dos judeus, o *Antigo Testamento*, como dos cristãos, a *Bíblia*. Também discute o que a seu ver entende por falta de critérios para o estabelecimento do cânon bíblico, ou seja, prevaleceu o fanatismo. É o fanatismo que faz com que se ignore e conteste um texto apócrifo e se aceite outro como canônico, já que ambos estão marcados pela irracionalidade e absurdos históricos e científicos, segundo Voltaire.

Ao fazer a análise dos equívocos dos textos sagrados e o que levou aos desvios e abusos dos dogmas, Voltaire preocupa-se em chamar os indivíduos à razão. A forma como se utiliza da literatura e da história pauta-se na preocupação de possibilitar seus interlocutores refletirem sobre o fenômeno religioso e, sobretudo, sobre os dogmas e doutrinas a eles imposta, seja de qual seita sejam. Uma vez que, segundo Voltaire, o que faz com que exista uma diversidade de seitas é “a ambição de dominar os espíritos”⁴, é preciso que os homens reflitam ao fazerem suas escolhas religiosas, pois segundo Voltaire, “um homem que recebe sua religião sem exame não difere de um boi que atrelam”.⁵

É claro que como seu palco é a sociedade francesa do século XVIII, com os diversos conflitos em função das mudanças que estão em processo, Voltaire tem como foco de sua discussão o catolicismo, por ser a seita com maior poder e envolvimento nos conflitos com as seitas reformistas.⁶

Devido aos conflitos eminentemente religiosos e ao poder que a Igreja exerce no governo, Voltaire pondera a necessidade da religião e a superação do sectarismo que leva a contendas e divisão da sociedade francesa da época.

Nesse sentido, Voltaire apresenta o que defende como religião necessária a sociedade francesa, deixando claro que a Igreja Romana só deixará de ter o poder e a

influência que tem, quando a seita cristã, o catolicismo, for banida por seus contemporâneos.

Concluo que todo homem sensato, todo homem de bem, deve ter horror à seita cristã. O grande nome teísta, que não se reverencia o suficiente, é o único nome que se deve aceitar. O único Evangelho que se deve ler é o grande livro da natureza, escrito pela mão de Deus e marcado com a sua chancela. A única religião que se deve professar é a de adorar a Deus e ser um homem honesto. É tão impossível que essa religião pura e eterna produza o mal quanto era impossível o fanatismo cristão não fizesse. Jamais poderão fazer a religião natural dizer: Vim trazer, não a paz, mas o gládio. Ao passo que esta é a primeira confissão de fé que põem na boca do judeu que denominaram Cristo". (VOLTAIRE, 2006, p. 157)

Nesse sentido, defende a necessidade da religião natural e defende os filósofos deístas, por acreditar que os mesmos contribuem de forma mais significativa com a construção do bem comum que as diversas seitas, pelo fato de serem sectárias e pautarem-se em dogmas e doutrinas que não se sustentam diante da razão.⁷

Concluindo, pode-se a partir da discussão de Voltaire acerca do Cristianismo e da necessidade de retomar a religião natural, perceber a urgência de discutirmos algumas questões.

Em primeiro, o que Voltaire combate terminantemente ao combater a Igreja Romana e o próprio Cristianismo, ou seja, a presença do fanatismo como fator de destruição dos homens e de suas relações sociais. Também ao combater o fanatismo, Voltaire percebe que o mesmo só será de fato eliminado com o esclarecimento. É por isso que não se pode pretender o fim ou a execração da religião entre os homens. Mas ao contrário, educar os homens para que vivam de acordo com sua natureza racional. É preciso que haja um empenho em educar os homens para que despertem a capacidade reflexiva e que a mesma lhes seja o guia de suas escolhas.

E, finalmente, toda a discussão de Voltaire objetiva a construção da Tolerância na sociedade francesa de seus dias. Desafio imprescindível a Voltaire e que enfrentou com coragem e muito trabalho, tendo ele mesmo sofrido os efeitos da inexistência da tolerância.

Porém, se a luta de Voltaire nos parece ganha, não é bem o que se pode constatar em nossos dias, onde o fanatismo e a intolerância parecem se sobrepôr à razão. É o que se pode facilmente constatar ao abrirmos revistas e jornais, lermos depoimentos e declarações que muitas vezes objetivam interpretar a sociedade e diminuir seus espaços de preconceitos e caem no discurso fácil do fanatismo e da

intolerância. Ilustra bem isso uma manchete do jornal Folha de São Paulo, de 8/4/07, no caderno classificados, p. F1, “Religião é tabu na vida profissional”, ou seja, parece que hoje depois de tantas lutas em prol da razão é o fanatismo e a intolerância que ronda nossas vidas.

Notas

1. Ao discutir a questão da religião para Voltaire, Marcos Antonio Lopes assim o caracteriza: “Deísmo ou Teísmo? Se atentarmos para o fato de que os dois conceitos preservam a crença na existência de um Deus transcendente, Voltaire é deísta e teísta. Se levarmos em conta o anticlericalismo e o antiprovidencialismo do autor, ele tende mais para o deísmo, forma pela qual, aliás, é mais comumente definido por seus intérpretes”. (LOPES, 2001, p. 104, nota 6).

2. “Não se trata de dogmas, de discussões teológicas; são observâncias que, como vimos, Jesus sempre seguiu. Não fazemos nada do ele fez, e ele não anunciou nada daquilo em que cremos. Ele nunca os diz nos Evangelhos: `Vim e morrerei para extirpar o pecado original. Minha mãe é virgem. Sou consubstancial a Deus, e somos três pessoas em Deus. Tenho, quanto a mim, duas naturezas e duas vontades, e sou apenas uma pessoa. Não tenho a paternidade, no entanto sou a mesma coisa que Deus pai. Sou ele, e não sou ele. A terceira pessoa procederá um dia do Pai, segundo os gregos, e do Pai e do Filho, segundo os latinos. Todo o universo nasceu danado, e minha mãe também; no entanto, minha mãe é mãe de Deus. Ordeno-lhes que ponham, por meio de palavras, num pedacinho de pão, meu corpo inteiro, meus cabelos, minhas unhas, minha barba, minha urina, meu sangue e, ao mesmo tempo, ponham meu sangue à parte, numa caneca de vinho; de maneira que se beba o vinho, se coma o pão e, no entanto, eles sejam consumados. Lembrem-se de que há sete virtudes, quatro cardeais e três teologias (sic); de que há apenas sete pecados capitais, do mesmo modo que há sete dores, sete beatitudes, sete céus, sete anjos diante de Deus, sete sacramentos, que são sinais visíveis de coisas invisíveis, e sete espécies de graça que correspondem aos sete braços do castiçal”. (VOLTAIRE, 2000, p. 157-158)

3. “Os maiores inimigos de Jesus devem concordar com que ele tinha a raríssima qualidade de atrair discípulos. Ninguém adquire essa dominação sobre os espíritos sem talento, sem costumes isentos de vícios vergonhosos. É preciso tornar-se respeitável aos que se quer conduzir; é impossível fazer-se crer quando se é

desprezado. Não obstante o que se tenha escrito a seu respeito, o fato é que ele devia ter atividade, força, candura, temperança, arte de agradar e, sobretudo, bons costumes. Ousaria chamá-lo um Sócrates rústico: ambos pregavam a moral, ambos não tinham nenhuma missão aparente, ambos tinham discípulos e inimigos, ambos diziam injúrias aos sacerdotes, ambos foram supliciados e divinizados. Sócrates morreu como sábio; Jesus é pintado por seus discípulos como temente à morte”. (VOLTAIRE, 2000, p. 131)

4. VOLTAIRE, 2006, p. 5.

5. IDEM, 2006, p. 6.

6. Em uma nota explicativa no *Deus e os homens*, apresenta-se o contexto de influência da Igreja Romana sobre as decisões do governo francês, que marcam o caráter de intolerância e perseguição presentes na sociedade francesa do século XVIII. “Em 1770, o papa escreveu ao rei da França uma carta excitatória conjurando-o, pelas entranhas de Jesus Cristo, a proteger seu reino da perniciosa inundação dos livros ímpios. A assembléia do clero, que acabava de se reunir, também levou ao pé do trono uma *Memória sobre as funestas conseqüências da liberdade de pensar e de imprimir*. Seis meses depois, no momento de se encerrar, a dita assembléias renovou seu voto numa *Advertência aos fiéis sobre os perigos da incredulidade*. Em conseqüência, o governo recomendou ao parlamento de Paris rigor contra os livros anti-religiosos e, no dia 18 de agosto, tendo o advogado-geral Séguier representado contra sete obras e obtido sua condenação, o Palácio encomendou uma fogueira em que se queimou, com cerimônia, ao pé da grande escadaria, pela mão do verdugo, um papelório em que figuraram as obras condenadas. Entre essas estava citada *Deus e os homens*”. (VOLTAIRE, 2000, p. 194, nota 3)

7. “O deísta é um homem da religião de Adão, de Sem, de Noé. Até aí, concorda conosco. Digamos-lhe: Tendes apenas um passo a dar da religião de Noé aos preceitos dados a Abraão. Depois da religião de Abraão, passai à de Moisés, à do Messias; e, quando tiverdes visto que a religião do Messias foi corrompida, escolhereis entre Wiclef, Lutero, João Hus, Calvino, Melanchton, Ecolampadio, Zwinglio, Storck, Parker, Servet, Socin, Fox e outros reformadores: dessa forma tereis um fio para vos guiar nesse grande labirinto, desde a criação da Terra até o ano de 1752. se nos responder que leu todos esses grandes homens e que prefere ser da religião de Sócrates, de Platão, de Trajano, de Marco Aurélio, de Cícero, de Plínio etc., lamentaremos por ele, rogaremos a Deus que o ilumine e não o injuriaremos. Não

injuriamos os muçulmanos, os discípulos de Confúcio. Não injuriamos nem mesmo os judeus, que fizeram morrer nosso Deus pelo último suplício; ao contrário, comerciamos com eles concedemos a eles os maiores privilégios. Portanto, não temos nenhuma razão para esbravejar com tanto furor contra aqueles que adoram um Deus, como os muçulmanos, os chineses, os judeus e nós, e que reconhecem nossa teologia tanto quanto essas nações a reconhecem”. (VOLTAIRE, 2006, p. 185)

Referências

LOPES, Marco Antonio. **Voltaire historiador. Uma introdução ao pensamento histórico na época do Iluminismo**. Campinas: Papirus, 2001.

SOUZA, Maria das Graças. Voltaire e a civilização. In.: **Ilustração e história. O pensamento sobre a história no Iluminismo francês**. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

VOLTAIRE. **Contos**. São Paulo: Circulo do Livro, 1995.

VOLTAIRE. **Deus e os homens**. São Paulo: Martins Fontes, 2000a.

_____. **Tratado Sobre a Tolerância**. São Paulo: Martins Fontes, 2000b. Introdução de René Pomeau.

_____. **O Túmulo do Fanatismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.